



BERTHO, Elara. Epopeia oral. Epopeya oral. Épopée orale. Oral epic. In: **Revista Épicas**. Ano 3, Número Especial 2, Set 2019, p. 1-7. ISSN 2527-080X.

## EPOPEIA ORAL/EPOPEYA ORAL/ÉPOPÉE ORALE/ORAL EPIC

Christina Ramalho<sup>1</sup>

Epopeia cuja origem é oral. Em alguns casos, atravessa os tempos mantendo-se na forma oral. Em outros, ganha forma escrita, ficando a tradição oral restrita ao período anterior a esse registro escrito. Em outros ainda, a tradição oral mantém-se viva, mesmo com a existência de registro(s) escrito(s). Elara Bertho nos apresentará uma abordagem crítica especial sobre a epopeia oral africana.

Epopeya cuyo origen es oral. En algunos casos, pasa por los tiempos manteniéndose en la forma oral. En otros, toma una forma escrita y la tradición oral se limita al período anterior a este registro escrito. En otros, la tradición oral sigue viva incluso con la existencia de registros escritos. Elara Bertho nos presentará un enfoque crítico especial acerca de la epopeya oral africana.

Épopée dont l'origine est orale. Dans certains cas, cela passe à travers le temps en conservant la forme orale. Dans d'autres, il s'agit d'une forme écrite et la tradition orale est limitée à la période antérieure à cet enregistrement écrit. Dans d'autres encore, la tradition orale reste vivante même avec l'existence de documents écrits. Elara Bertho nous présentera une approche critique spéciale sur l'épopée orale africaine.

Epic poem whose origin is oral. In some cases, it goes through the times keeping in the oral form. In others, it gains written form, leaving the oral tradition restricted to the period prior to this written record. In still others, oral tradition remains alive, even with the existence of

---

<sup>1</sup> Professora-Doutora (Letras, UFRJ, 2004) da Universidade Federal de Sergipe. Coordenadora, com Margaret Anne Clarke, do GT 5 – Historiografia épica. Membro do REARE, do GELIC e do IIS.

written records. Elara Bertho will present us with a special critical approach to the African oral epic poetry.

## **EPOPEIA ORAL AFRICANA/ EPOPEYA ORAL AFRICANA/ ÉPOPÉE ORALE EN AFRIQUE/AFRICAN ORAL EPIC**

Elara Bertho<sup>2</sup>

### **1.**

Os traços característicos das epopeias orais africanas têm sido objeto de muitos debates, e seus contornos ainda são problemáticos em muitos aspectos. O reconhecimento do gênero épico na África tem sido em si mesmo uma luta teórica (Finnegan, 1970; contra o qual escreveram sucessivamente Johnson, 1980; Seydou, 1982; Johnson, 1987; e Okpewho, 1991), da qual se qual emerge o ponto de vista de que oralidade e performance são traços fundamentais da epopeia africana, que é um gênero extremamente vivo e popular na África, e que está intimamente ligado a um ritmo específico, ou mesmo a um instrumento musical específico. Derive e Baumgardt dão uma definição geral: a epopeia oral africana reúne textos narrativos que apresentam personagens famosos, atores de façanhas históricas ou memoráveis (Derive, Baumgardt, 2008, p. 211). Sua narração é confiada a produtores especializados na arte da fala (às vezes chamados de “gritos”), que atuam em performances e estabelecem uma relação específica com o público. Além disso, a narrativa tem um papel intenso de coesão de identidade, encenando (e debatendo) os valores e a história da comunidade que se reúne para ouvi-la.

A epopeia oral difere de outros gêneros relacionados (contos, narrativas históricas, lendas) por um tom específico, um fluxo de fala abundante, ou uma arte particular de ritmo (Kesteloot, Dieng, 30). Kesteloot divide as epopeias africanas em três categorias: epopeias mitológicas, epopeias históricas (que podem ser lendárias ou religiosas) e epopeias corporativas (pastorais, de pesca, de caça etc.).

*Sundiata* é um dos exemplos mais conhecidos de epopeia histórica (ver Jansen, 2001; Conrad Conde, 2004), que narra a fundação do Império Mali no século XIII e a tomada do poder do soberano Sundiata Keita no mundo mandingo. Christiane Seydou recolheu a epopeia

---

<sup>2</sup> Doutora em Letras Modernas pela Paris 3 Sorbonne Nouvelle Université (2016). Pesquisadora do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS). Membro do REARE e do CIMEEP - GT 17 - A épica africana.

*Fulani Silâmaka et Poullôri* (Seydou 1972), que é um outro exemplo de configuração ficcional de uma revolta histórica contra o reino de Segou (final do século XIX e início do XVIII).

Fundamentalmente marcada pela oralidade, a epopeia africana exige uma reavaliação mais flexível das categorias de “autor”, “data de produção” ou “área cultural”, que, se fossem consideradas de forma estrita, não poderiam contemplar esse subgênero épico.

(Versão para o português por Christina Ramalho)

## 2.

Los rasgos característicos de las epopeyas orales africanas han sido objeto de muchos debates, y sus contornos todavía son problemáticos en muchos aspectos. El reconocimiento del género épico en África ha sido en sí mismo una lucha teórica (Finnegan, 1970; contra el cual escribieron sucesivamente Johnson, 1980; Seydou, 1982; Johnson, 1987; y Okpewho, 1991), de la que se emerge el punto de vista de qué la oralidad y la performance son rasgos fundamentales de la epopeya africana, que es un género extremadamente vivo y popular en África, y que está íntimamente ligado a un ritmo específico, o incluso a un instrumento musical específico.

Derive y Baumgardt dan una definición general: la epopeya oral africana reúne textos narrativos que presentan personajes famosos, actores de hazañas históricas o memorables (Derive, Baumgardt, 2008, p. 211). Su narración es confiada a productores especializados en el arte del habla (a veces llamados “griots”), que actúan en performances y establecen una relación específica con el público. Además, la narrativa tiene un papel intenso de cohesión de identidad, escenificando (y debatiendo) los valores y la historia de la comunidad que se reúne para oírla. La epopeya oral difiere de otros géneros relacionados (cuentos, narrativas históricas, leyendas) por un tono específico, un flujo de habla abundante, o un arte particular de ritmo (Kesteloot, Dieng, 30).

Kesteloot divide las epopeyas africanas en tres categorías: epopeyas mitológicas, epopeyas históricas (que pueden ser legendarias o religiosas) y epopeyas corporativas (pastorales, de pesca, de caza, etc.).

*Sundiata* es uno de los dos ejemplos más conocidos de epopeya histórica (ver Jansen 2001; Conrad Conde 2004), que narra la fundación del Imperio Mali en el siglo XIII y la toma

de poder del soberano Sundiata Keita en el mundo mandingo. Christiane Seydou recolleu la epopeya Fulani *Silâமாக et Poullôri* (Seydou 1972), que es um outro exemplo de configuración ficcional de una revuelta historica contra el reino de Segou (final del siglo XIX y inicio del XVIII).

Fundamentalmente marcada por la oralidad, la epopeya africana exige una reevaluación más flexible de las categorías de “autor”, “fecha de producción” o “área cultural”, que, si fueran consideradas de forma estricta, no podrían contemplar ese subgénero épico.

(Traducción en español por Christina Ramalho)

### 3.

Les traits caractéristiques des épopées orales africaines ont fait l’objet de bien des débats, et leurs contours restent encore problématiques à bien des égards. La reconnaissance du genre épique en Afrique a été en soi un combat théorique (Finnegan, 1970; contre lequel écrivent successivement Johnson, 1980; Seydou, 1982; Johnson, 1987; et Okpewho, 1991), dont il ressort que l’oralité et la performance sont des traits fondamentaux de l’épopée africaine, que le genre est extrêmement vivant et populaire en Afrique, et qu’il est intimement lié à un rythme spécifique, voire à un instrument de musique spécifique.

Derive et Baumgardt en donnent une définition générale : l’épopée orale africaine regroupe des textes narratifs mettant en scène des personnages célèbres, des acteurs d’exploits historiques ou mémorables (Derive, Baumgardt, 2008, p. 211). Sa narration est confiée à des producteurs spécialisés dans l’art de la parole (appelés parfois “griots”), qui se produisent dans des performances, et qui instaurent un rapport spécifique avec le public. Le récit a, en outre, une intense fonction de cohésion identitaire, en mettant en scène (et en débat) les valeurs et l’histoire de la communauté qui se rassemble pour l’écouter. L’épopée orale se distingue d’autres genres connexes (contes, récits historiques, légendes) par un ton spécifique, un débit de parole abondant, ou un art du rythme particulier (Kesteloot, Dieng, p. 30).

Kesteloot divise en trois catégories les épopées africaines : les épopées mythologiques, les épopées historiques (qui peuvent être légendaires ou religieuses), et les épopées corporatives (pastorales, de pêche, de chasse...).

*Soundiata* est l'un des exemples les plus connus d'épopée historique (voir Jansen 2001; Conrad, Condé 2004), qui relate la fondation de l'empire du Mali au XIII<sup>e</sup> siècle et la prise de pouvoir du souverain Soundiata Keita sur le monde mandé. Christiane Seydou a collecté l'épopée peule de *Silâmaka et Poullôri* (Seydou 1972), qui est un autre exemple de mise en fiction d'une révolte historique contre le royaume de Ségou (fin XVIII<sup>e</sup>-début XIX<sup>e</sup>).

Marqué fondamentalement par l'oralité, l'épopée africaine invite à repenser de manière plus souple les catégories d'"auteur", de "date de production" ou encore d'"aire culturelle" s'ils sont envisagés de manière trop stricte.

#### 4.

The traits characteristic of African oral epics have been the subject of much debate, and their contours are still problematic in many respects. The recognition of the epic genre in Africa has itself been a theoretical struggle (Finnegan, 1970; against which successively wrote Johnson, 1980; Seydou, 1982; Johnson, 1987; and Okpewho, 1991), from which emerges the view that orality and performance are key features of the African epic, which is an extremely lively and popular genre in Africa, and which is closely linked to a specific rhythm, or even to a specific musical instrument.

Derive and Baumgardt give a general definition: the African oral epic brings together narrative texts that feature famous characters, historical or memorable actors of achievement (Derive, Baumgardt, 2008, p. 211). Its narration is entrusted to producers specialized in the art of speech (sometimes called "griots"), who perform in performances and establish a specific relationship with the public. In addition, narrative has an intense role of identity cohesion, staging (and debating) the values and history of the community that gathers to hear it. The oral epic differs from other related genres (tales, historical narratives, legends) by a specific tone, an abundant flow of speech, or a particular art of rhythm (Kesteloot, Dieng, 30).

Kesteloot divides the African epics into three categories: mythological epics, historical epics (which may be legendary or religious) and corporate epics (pastoral, fishing, hunting, etc.).

*Sundiata* is one of the best-known examples of historical epic (see Jansen 2001, Conrad Conde 2004), which chronicles the founding of the Mali Empire in the 13th century and the seizure of the sovereign ruler Sundiata Keita in the Mandingo world. Christiane Seydou collected the epic Fulani *Silâmaka et Poullôri* (Seydou 1972), which is another example of a

fictional configuration of a historical revolt against the kingdom of Segou (late nineteenth and early eighteenth centuries).

Fundamentally marked by orality, the African epic requires a more flexible reassessment of the categories of “author”, “date of production” or “cultural area”, which, if strictly considered, could not contemplate this epic subgenre.

(English translation by Christina Ramalho)

### **Referências/Referencias/Références/References**

BAUMGARDT, Ursula; DERIVE, Jean. **Littératures orales africaines: perspectives théoriques et méthodologiques**. Tradition orale. Paris : Karthala, 2008.

BELCHER, Stephen. **Epic traditions of Africa**. Bloomington: Indiana University Press, 1999.

CONRAD, David C., CONDÉ, Djanka Tassej. **Sunjata: A West African Epic of the Mande Peoples**. Indianapolis: Hackett Pub. Co., 2004.

FINNEGAN, Ruth H. **Oral Literature in Africa**. Oxford Library of African Literature. Londres: Clarendon Press, 1970.

JANSEN, Jan. **Epopée, histoire, société : Le cas de Soundjata, Mali et Guinée**. Hommes et sociétés. Paris : France, Karthala, 2001.

JOHNSON, John; HALE, Belcher. **African Epics from Africa, Vibrant voices from a vast continent**. Bloomington: Indiana University Press, 1997.

JOHNSON, John William. Yes, Virginia, There Is an Epic in Africa. In: **Research in African Literatures** 11 (1980/3), p. 308-326.

KESTELOOT, Lilyan; DIENG, Bassirou. **Les épopées d'Afrique noire**. Paris: Karthala; UNESCO, 1997.

OKPEWHO, Isidore. **Epic in Africa: Toward a Poetics of the Oral Performance**. New York: Columbia University Press, 1991.

SEYDOU, Christiane. **Silâmake et Poullôri : récit épique peul**. Paris : Colin, 1972.

SEYDOU, Christiane. Comment définir le genre épique ? Un exemple : l'épopée africaine.

In: **JASO (Journal of the Anthropological Society of Oxford)**, vol.XIII, n°1, 84-98, 1982; et in V.

GÖRÖG-KARADY (éd.). **Genres, Formes, Significations**. Essais sur la littérature orale africaine (Oxford, JASO), 84-98.

[https://www.isca.ox.ac.uk/fileadmin/ISCA/JASO/Archive\\_1982/13\\_1\\_Seydou.pdf](https://www.isca.ox.ac.uk/fileadmin/ISCA/JASO/Archive_1982/13_1_Seydou.pdf)